

A mata Kaingang da Terra Indígena Xaçecó/SC: o uso e o manejo das plantas *Kamē* e *Kanhru*¹

Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi

UFSC/SC, UNINTER/BR

Resumo: O presente estudo tem como finalidade, analisar o uso e manejo das plantas *Kamē* e *Kanhru* que se encontram na mata Kaingang da Terra Indígena Xaçecó/SC. Pretende-se destacar o estudo sobre o surgimento das marcas *Kamē* e *Kanhru*, a partir da história oral com os *Kófas*, mais velhos e sábios Kaingang, o que envolve a cosmologia das marcas exogâmicas em relação à história de origem do povo. Também destaco o uso e manejo destas plantas feitas pelos especialistas em curas Kaingang, como os *Kujás*, Benzedores (as), Remedieiros (as), que usam para fins medicinais, além de preservarem e manterem os espaços onde as plantas *Kamē* e *Kanhru* estão localizadas, ou seja, dentro da mata Kaingang, no espaço territorial que se encontra a Terra Indígena Xaçecó, este território onde muitos de nós Kaingang também manejamos os espaços onde as plantas se encontram em meio à mata. Bem como, o manejo em lugares como as hortas, onde ficam no chamado “espaço limpo”, que é na aldeia, perto das casas, ao redor delas, onde não há mata fechada. Este universo das plantas que possuem marcas, desta relação de comunicação entre o mundo dos humanos e não – humanos envolvendo o *Kujá* e os especialistas que utilizam muitas plantas para fazerem os chás, os remédios do mato para a população indígena e também não indígena. A comunicação com este universo dos não-humanos antes de entrar na mata, é como um acordo entre as partes para poder encontrar a planta que deseja, retirando do seu espaço todas as suas propriedades e poder que ela possui. Compreender algumas das plantas encontradas na Terra Indígena Xaçecó, o uso delas de diferentes formas, seja como remédio, madeira, lenha, alimento, artesanato, purificação, armadilhas de caça, rituais, e festas da comunidade em geral, onde algumas plantas estão presentes. Além de possuírem marcas Kaingang, as plantas possuem vida, forma, cheiro, espessura e poderes que fazem sua existência ser única e especial no mundo cosmológico e espiritual, cultural do povo.

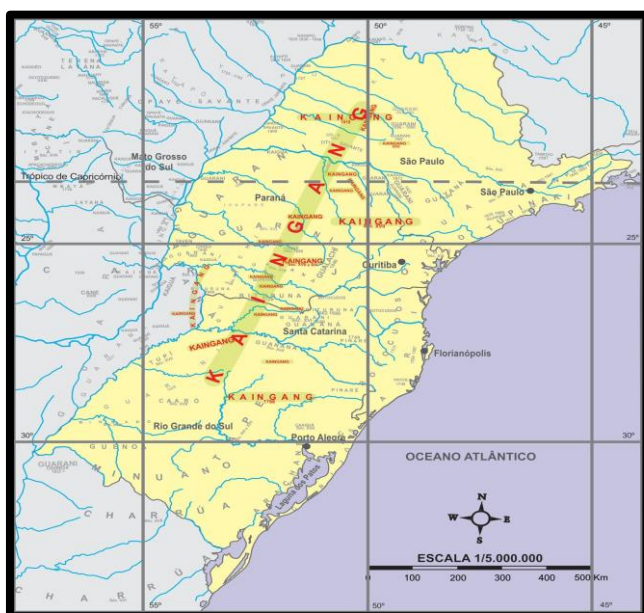
Palavras chaves: Plantas, *Kamē* e *Kanhru*, Mata Kaingang.

1. UMA BREVE INTRODUÇÃO DO POVO KAINGANG

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Somos o terceiro maior povo do Brasil e estamos localizados na região Sul do Brasil, em territórios indígenas, nos Kaingang estamos distribuídos nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No mapa abaixo, mais detalhes podem ser observados a partir da espacialização dos povos indígenas meridionais, em destaque para nós Kaingang.

Mapa 1: Espacialização dos povos indígenas meridionais (SP, PR, SC e RS), com destaque para o povo Kaingang, reelaborado a partir de Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes de Curt Nimuendajú, 1944.



Fonte: Elaborado por Carina S. de Almeida. Acervo LABHIN/UFSC, 2015.

Nós Kaingang pertencemos a família do tronco linguístico Macro-Jê² ou Jê Meridionais, desde os tempos de antigamente a partir do contato, somos conhecidos e denominados por alguns nomes já registrados por pesquisador como Lúcio Tadeu Mota, em seus estudos o autor revela outros nomes que já utilizavam o nome “Caingang” ou “Caengang” para se referir ao povo Kaingang, como Camilo Lellis da Silva, em 1865, e Franz Keller, em 1867³, recentemente os estudos do historiador Cristiano Augusto Durat evidenciaram novos dados que reescrevem novamente a história de denominação Kaingang registrada em um documento feito pelo Pe. Antonio Braga de Araújo, a data é do ano de 1957.⁴ Mas o nome que ficou mais conhecido na época de denominação, foi

² Sobre a Família linguística Jê ver mais em: RODRIGUES, 1986 e DAVIS, 1966.

³ SILVA, 2011, p. 5 apud BIAZI, 2017, p.48.

⁴ O nome registrado no documento que nos refere é “Caingang”. Para saber mais sobre o assunto ver: DURAT, Cristiano Augusto. **Terra de Aldeamento em disputa:** Francisco Gacom e "uma" história sobre

“Coroados” uma forma de apelido que nos diferenciava de outros povos indígenas, o corte de cabelo do homens era no formato de uma coroa feito com o auxílio de um vasilhame em formato circular que facilitava o corte mais fácil e preciso; já as mulheres possuíam cabelos longos com uma franja arredondada no formato de uma coroa.

Segundo Jeniffer Carolina da Silva, a denominação de “coroados” foi uma:

Designação dada a grande parte dos índios caingangues até a década de 1870, na província do Paraná, devido à tonsura na parte superior dos cabelos. Os caingangues faziam esse corte desde o início do século XVII, depois do contato com religiosos da Província de Guairá.⁵

Mesmo havendo o corte de cabelo que nos diferenciava, principalmente do povo Laklãnõ/Xokleng, ainda assim havia muita semelhança, neste caso a língua indígena é a nossa identidade e que nos diferencia de outros povos. Entre nós Kaingang a língua possui dialetos de acordo com a localidade em que estamos inseridos, são mínimos detalhes que são percebidos na pronúncia e na escrita de palavras que podem influenciar no significado e tradução para a língua portuguesa.

2. O SURGIMENTO DAS MARCAS EXOGÂMICA *KAMĒ* E *KANHRU*

Cada povo indígena, possui suas histórias de origem que traz um significado importante dentro da cultura e tradição indígena que nos identifica como um povo que possui suas origens e crenças, deste modo nos diferencia de outras culturas existentes no mundo. Nós Kaingang possuímos a nossa história de origem que possui um elo com todas as outras histórias que são contadas por nossos *Kófas*⁶, algumas foram registradas por pesquisadores outras são passadas pela oralidade de geração em geração.

O etnólogo Telêmaco Borba em 1908, registrou uma das narrativas de origem do povo Kaingang do Paraná, da história de uma inundação que ocorreu no início dos tempos, onde poucos animais sobreviveram e o espírito dos humanos que havia naquele tempo foram morar no centro da terra no mundo dos mortos, após acabar a inundação, os espíritos Kaingang lutaram para voltarem ao mundo dos vivos e seres humanos

os Kaingang do Paraná (Século XIX). 2019. 435 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019, p.363.

⁵ SILVA, Jeniffer Caroline da. **Bola, brinquedos e jogos: Práticas de lazer e futebol na tradição dos Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC**. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC. 2014, p. 15.

⁶ A palavra *Kófa* se refere à pessoa mais velha, o sábio, o tronco velho que possui o conhecimento do povo e da cultura.

novamente, e assim surgiram os *Kamē* e os *Kanhru* de uma montanha, surgiram da mãe terra.

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergido toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra Crinjijimbé emergia das agoas. Os Caingangues, Cayurucrés e Camés nadavam em direção a ella levando na bocca achas de lenha incendiadas. Os Cayurucrés e Camés cançados, afogaram-se, suas almas foram morar no centro da serra. Os Caingangues e alguns poucos Curutons, alcançaram a custo o cume de Crinjijimbé, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das árvores, e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer, já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a à agoa que se retirava lentamente. Gritaram elles às saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando também o canto e convidando os patos a auxiliá-las, em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os Caingangues que estavam em terra; os que estavam seguros aos galhos de arvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram com seo trabalho, do lado donde o sol nasce, por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Caingangues* se estabeleceram nas immediações de *Crijijimbé*. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no cento da serra, principiaram a abrir caminho pello interior dela, depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas, pela aberta por *Cayurucrê*, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras, dahi vem elles conservado os pés pequenos outro tanto não aconteceu a *Camé*, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, eos seos, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sede, tiveram de pedil-a a *Cayurucrê* que consentio que a bebessem quanto necessitassem. Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer cestos e cabaças que tinham deixado em baixo, estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli e nunca mais se reuniram aos *Caingangues* por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior à sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *Ming*, e disseram a elles: - vão comer gente e caça; estás, porém, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem, perguntaram de novo o que deviam fazer, *Cayurucrê*, que já fazia outro animal disse-lhes gritando e com Mao modo; vão comer folha e ramos de arvore, desta vez ellas, ouvindo, se foram: eis a razão por que as antas só comem folhas, ramos de arvores e fructas. *Cayurucrê* estava fazendo outro animal, faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz lhe às pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe: - você, como não tem dente, viva comendo formiga-; eis o motivo porque o tamandoá, *Ioty* é um animal inacabado e imperfeito. Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucrê* fazia estes animaes, *camé* fazia outros para os combater, fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluído este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues*, viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, *Cayurucrê* disse a um dos *Camé*, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e moresem; assim fez o de *Camé*, mas, dos tigres, uns cahiram a agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas, o de *Camé* quis atiral-o de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sahir: eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, e reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças. Cazaram primeiro os *Cayurucrés* com as filhas dos

camés, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-se com as filhas dos *Caingangues*. Dahi vem que, *Cayurucrés* e *Camés* e *Caingangues* são parentes e amigos.⁷

As narrativas descritas por etnólogos através da oralidade dos nossos antepassados, fazem referência da relação que possuímos com a mãe terra com o território tradicional do povo que vem desde a origem e das nossas histórias, sobre a importância cultural e das nossas filosofias da vida, enxergamos o mundo de uma outra forma, onde sentimos sua presença e sentido de existir, ou seja, o mundo e tudo que nele existe é espiritual e faz parte da nossa tradição, seja o que pode ser material ou imaterial.

Uma narrativa muito semelhante com a de Telêmaco Borba é descrita por Egon Schaden em 1947, a partir da oralidade dos Kaingang do Paraná.

Xê contou-me também o mito do dilúvio universal. Muitos índios morreram na grande enchente que houve por êstes sertões. Escapou somente um casal de irmãos, pequenos ainda. Eram do grupo dos Kamé. O casazinho foi nadando, foi nadando até a uma serra muito alta, que se chama Krim-Takré. Os dois subiram no alto da serra e agarraram-se às folhas das árvores. Quando baixou a água da enchente, desceram ao chão. Casaram-se então os dois, o irmão com a irmã, e os índios tornaram a aumentar. Fizeram fogo, pois já conheciam o cipó que dá fogo. Depois de aumentar o número de fi lhos, o casal, antes de morrer, restabeleceu a divisão em dois grupos: os Kamé, que são mais fortes e os Kanherú, que são menos fortes. Dividiram-nos para arranjar os casamentos entre eles. Depois de aumentarem mais, os índios restauraram também a divisão em Votôro e Venhiky. Os Votôro têm a força dos Kanherú e os Venhiky as dos Kamé.⁸

Em 1993 outro registro da história de origem do povo é trazido pelo etnólogo Curt Nimuendajú, do povo que surgiu da terra em um lugar específico no estado do Paraná, nossos *Kófas* dizem que até hoje se procurar o lugar, vai estar lá o buraco na terra de onde todos nós Kaingang surgimos.

A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles tem a cor da terra. Numa serra no sertão de Guarapuava, não sei bem aonde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou em baixo da terra onde eles permanecem até agora, e os que cá em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmão por nome. *Kanerú* e *kamé*, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que *Kanerú* e a sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. *Kamé* e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus

⁷ BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena**: Type Lytog. Coritiba: A Vapor Impressora Paranaense. 1908, p. 20 e 21.

⁸ SCHADEN, E. A origem dos homens, o dilúvio e outros mitos Kaingang. *Revista de Antropologia*, v. 1, n. 2, p. 139-141, 1953, p. 141.

movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais.⁹

Nossos *Kófas* narram a história de origem do povo que circula na comunidade e dentro da escola indígena, algumas já publicadas em livros e pesquisas recentes que destacam as fontes orais como sendo a principal evidência da história indígena. Os antropólogos Robert R. Crépeau¹⁰ e Rogério Reus Gonçalves da Rosa¹¹, destacam a relação destas histórias narrativas a partir das constelações, sol e lua e que abarcam o contexto sobre as marcas exogâmica *Kamē* e *Kanhru*, assim como, os animais e os rituais Kaingang. O que fica em nossa memória é o que nos identifica como Kaingang, a cultura e tradição que conhecemos e respeitamos, as histórias de origem são narrativas reais. Portanto, a palavra mitologia não dá conta de todo o significado e sentido de toda vida humana que percebemos enquanto povo indígenas, para o mundo dos *Fóg*¹², a palavra pode ser compreendida ou interpretada como sendo uma lenda, algo que não é real, que não aconteceu.

O surgimento das marcas exogâmica *Kamē* e *Kanhru* são destaque dentro da narrativa e que estão inseridas no nosso contexto até hoje, tudo ao nosso redor é percebido e visto como sendo parte das marcas Kaingang. Quando surgem as marcas, evidentemente os animais surgem com as marcas *Kamē* e *Kanhru* da mesma forma acontece com as plantas e toda a floresta é Kaingang. Contam nossos antepassados que nossa história de origem se inicia quando neste mundo viviam os animais e tudo que há na floresta, mas *Topē*¹³ e os espíritos da floresta criaram dois irmãos, o sol e a lua, havia somente o dia naquele tempo, mas os dois irmãos acabaram brigando, o sol deu um soco no rosto da lua e a partir desta briga decidiram se separar para não haver mais intrigas. O sol teria o dia para brilhar e levar luz e vida para as plantas e animais e os aqueceria quando precisassem, a lua teria a noite escura e fria, levando a neblina e o orvalho para as plantas que dela necessitam para poder crescer na terra, o mesmo seria com os animais da noite que teria suas características evidenciadas. Com o passar dos tempos ainda faltava algo no mundo,

⁹NIMUENDAJÚ, Curt. **ETNOGRAFIA E INDIGENISMO: Sobre os kaingang, os ofaié-xavante e os índios do Pará**. Organização e apresentação Marco Antonio Gonçalves. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993, p. 58 e 59.

¹⁰ ROSA, R.R.R. CRÉPEAU, R.R. **Puissance et Connaissance Animales Chez Les Kaingang du Brésil Méridional**. *Revue Anthropologique*, v. 62, p.60-69, 2020.

¹¹ ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. **Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte)**. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

¹² Significa não-indígena.

¹³ Esta palavra significa Deus em Kaingang, em quem cremos.

Topē e os seres da mata decidiram que precisavam de algo a mais para dividir os conhecimentos que a floresta possuía, assim no nascer do sol um grupo chamado de *Kamē* surgiu da terra do alto de uma montanha, carregavam a marca dos raios do sol em formato de riscos compridos e tudo o que era comprido, riscado e comprido na floresta também é *Kamē*. Ao pôr do sol, quando a lua brilha no céu surge outro ser chamado de *Kanhru*, estes carregam a marca em formato redondo, circular e malhado representa a lua cheia quando nasceram, e tudo o que é da noite também faz parte desta marca.

Abaixo, podemos observar pelo desenho demonstrativo que as plantas que possui a forma comprida é *Kamē*, já as plantas que possuem o seu formato e características arredondadas são da marca *Kanhru*.

Figura 1: Desenhos representando as plantas das duas marcas Kaingang *Kamē* e *Kanhru*.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Assim como as plantas possuem marcas os animais e toda a floresta também possuem, mas não são todas as plantas que a floresta possui que podem ser retiradas por nós Kaingang, quando necessitamos de uma planta, analisamos o local onde pode ser encontrado e assim pedimos permissão ao dono da mata para fazer a retirada da planta ou de partes dela, para fazermos os chás para serem ingeridos ou os chás para lavar o corpo.

Este respeito que possuímos com a floresta é algo que segue uma linhagem dos nossos troncos velhos, o conhecimento e o respeito pelas nossas tradições, cultura e cosmologias. Pois como conta a nossa história de origem, depois que nasceram os dois irmãos *Kamē* e *Kanhru*, cada um desceu de uma lado da montanha e ao saírem do buraco da terra na montanha, os dois se embrenharam em meio a mata, ao caminhar em meio às plantas, árvores e a vegetação da mata ciliar, os dois irmãos aprenderam muito com os espíritos da floresta, observando a riqueza que ali estava diante de seus olhos, “conhecer

para respeitar” foi isso que nossos antepassados fizeram e repassaram para as futuras gerações, por conta disso nós indígenas existimos com nossa identidade e cultura.

A história de nossa origem é muito rica e sagrada, envolvendo espiritualidade, cosmologias e o poder que exala a floresta. Quando vivemos e crescemos dentro da cultura e tradição do povo, nos unimos a um só objetivo de conhecer, valorizar e transmitir os conhecimentos sagrados tradicionais do povo para as nossas gerações, que podem ser passados em determinados locais da comunidade, ao redor do fogo de chão, nos afazeres de casa, em conversas com os pais e avós, no caminhar em meio a mata, na escola e até mesmo em silêncio aprendemos muito, com os sentidos pode se conhecer muito sobre os segredos da mata Kaingang.

Assim fizeram os *Kamē* e *Kanhru*, aprenderam muito com os donos da mata, e observando os animais que se comunicavam com os dois grupos, cada animal com sua esposa ensinaram os humanos sobre as suas marcas, por exemplo, da marca *Kamē* o tatu (*Fênênh*), e sua esposa ensinaram através dos cânticos e da dança a língua Kaingang, a espiritualidade, alimentação, artesanatos e os rituais. O mesmo ensinamento ocorreu entre os *Kanhru*, onde os animais da mesma marca transmitiram seu saber sobre este mundo, por exemplo, a coruja (*Kónhko*), e seu esposo transmitiram seu saber através dos cânticos, danças, artesanatos, alimentação e rituais¹⁴.

A história de origem do povo, e subsequentemente as marcas surgem, apresentando ao povo Kaingang que tudo que há na mata e ao nosso redor, possui este elo com as nossas cosmologias e que faz parte da cultura, não é uma forma de classificar tudo que há na mata é saber que quando surgem as marcas certamente tudo que está neste mundo dos vivos e também no mundo dos mortos também são inseridos neste conjunto das marcas *Kamē* e *Kanhru* que se complementam. Assim, o que está inserido na mata possui as marcas, nós enquanto Kaingang compreendemos qual o é significado e importância que se tem para nossa tradição, cultura, crenças, cosmologias e espiritualidade.¹⁵

¹⁴ Para saber mais sobre os cânticos de cada animal a qual foi referenciado no texto acima, está em anexo in: BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De; ERCIGO, Terezinha Guerreiro. **A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó/SC**. Florianópolis, 20/11/2014. 57 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica).UFSC.

¹⁵ Descola, Philippe. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In. Descola, P. and Pálson, G. (Org.) *Nature and Society. Anthropological Perspectives*. London: Routledge, 1996, pp.82-102, p. 85.

3. ESPECIALISTAS E FLORESTA KAINGANG: O USO E MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS

Os especialistas Kaingang que manejam a floresta, conhecem cada lugar dentro território indígena, são pessoas do gênero masculino e feminino que possuem o vasto conhecimento sobre a floresta Kaingang, principalmente do que envolve as marcas exogâmica *Kamē* e *Kanhru*, e do poder que cada uma possui de curar, proteger e purificar o corpo e o espírito.

O *Kujá*, é um especialista Kaingang que possui muito saber sobre a floresta, sua formação tem início desde criança, pois é escolhido por outro *Kujá* mais velho desde o ventre de sua mãe, “A formação do *Kujá* vem desde a sua concepção, já vem do ventre da mãe com esse dom imposto por topê, então outros *Kujá* já sabem disso, a partir do momento que o nenê nasce eles já levam nas igrejas católicas; levam na casa do *Kujá* para fazer batismo nas águas e na casa para receber o nome [...]”.

E, a partir do momento que a família sabe que seu filho será um especialista em cura, logo os trabalhos de purificação, proteção do corpo e espírito são iniciados, com banhos de chás, feitos pela mãe da criança, assim como os chás ingeridos pela mãe e a criança que ainda mama o leite materno, o cuidado com a alimentação para que o corpo da criança esteja preparado para os primeiros processos de formação espiritual, todo este processo de cuidar da criança ao nascer e durante a fase de crescimento, fará com que esteja protegida espiritualmente dos males ou das conhecidas “doenças invisíveis”, geralmente costume atingir as crianças em processo de formação.

Quando a criança nascia os pais já tinham remédio, já lavavam ele com três dia com esse remédio, daí eles já diziam esse vai ser o *Kujá*, já tinham remédio separado era mesma coisa deles batiza, eles tinham um ritual pra lavar com esses remédio.¹⁶

Quando o escolhido para ser o *Kujá* está na idade para iniciar sua formação pessoal, os professores *Kujás* mais velhos, iniciam os trabalhos de sua formação pessoal e espiritual, e parte de toda esta formação pessoal acontece em meio a mata Kaingang, de preferência, uma mata fechada e muito pouco manejada por outros Kaingang. Desta forma a preservação de algumas espécies de plantas e vegetação permanecem sendo cuidados por estes especialistas em meios a mata, pois há plantas que só sobrevivem na mata e não suportam serem cultivadas, manejadas em hortas ou em áreas próximas de

¹⁶ KOITO, Matilde Fernandes. Entrevista [6 de agosto de 2014]. Entrevistadora: Adriana A B P de Biazi e Terezinha Guerreiro Ercigo. Terra Indígena Xapecó/SC, 2019. 1 arquivo. mp3. Acervo pessoal das autoras.

casas e da comunidade. As plantas *Kamē* e *Kanhru*, neste processo de formação do *Kujá* tem sua importância no papel de purificar o corpo e espírito do aprendiz de *Kujá*, para que o mesmo consiga adquirir conhecimento sozinho em meio a mata ouvindo seus guias espirituais que foram revelados, lembrando que se o *Kujá* for *Kamē* seu guia espiritual *Jagrē*¹⁷ será da marca *Kanhru*, assim sucessivamente. De acordo com Biazi e Ercigo¹⁸, “Na Terra Indígena Xapecó devem existir dois *kujá* um da marca *Kamē* e outro da marca *Kanhru* para o trabalho deles ficar completo”.

Quando este especialista vai para a mata retirar algumas plantas para fazer remédios, o mesmo sempre pede a permissão para entrar e sair da mata, pois, fazendo isso ele não ficará perdido em meio a mata, na busca para encontrar os *Vēnhkagta*¹⁹, podendo ser folhas, raízes, casca, graveto, o que for que é da mata se deve pedir permissão para o dono dela, um exemplo na língua Kaingang de uma mulher *Kujá* ao pedir permissão ao dono: “*Inh mÿ eg vēnhkagta vēnhkagta ta ni, Inh mÿ vēnhkagta keme, Inh mÿa há há jé*”²⁰, a *Kujá* menciona com muito cuidado cada palavra ao passar este conhecimento pela oralidade na entrevista, conversa que tivemos ao redor do fogão a lenha da *Kujá*, declara que não tem como traduzir para a língua portuguesa sem a permissão da pessoa que transmitiu este saber *Kujá*.

O conhecimento de formação do *Kujá* é essencial para o ritual do *Kiki Koj*, pois é ele quem faz esta conexão entre o mundo dos mortos o *Nũme* e o mundo dos vivos, para que haja esse equilíbrio cosmológico espiritual entre os dois planos. E, principalmente para fazer esta conexão da mata Kaingang, com os elementos importantes do ritual em homenagem aos mortos *Kamē* e *Kanhru*. Das plantas que são utilizadas durante todo o ritual, plantas que são levadas ao cemitério e plantas que são retiradas da vegetação pelos Kaingang que participam do ritual, estas plantas, servem para se cobrirem como se fosse uma veste, uma roupa que protege seu corpo e espírito dos *Vēnhkuprĩg Kóreg*²¹, com as plantas fazendo parte do corpo, os participantes voltam ao local onde o cocho está

¹⁷ *Jagrē* significa guias espirituais do *Kujá* que podem ser santos do panteão católico, humanos e não-humanos, seres da mata, plantas, animais e vegetais.

¹⁸ BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De; ERCIGO, Terezinha Guerreiro. **A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó/SC**. Florianópolis, 20/11/2014. 57 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica).UFSC, p. 32.

¹⁹ Para nós Kaingang a palavra significa nossos remédios do mato.

²⁰ BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De. **Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC**. Florianópolis, 18/03/2017. 265 páginas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.: PPGAS/UFSC, p, 111.

²¹ Para nós Kaingang significa espírito ruim, que deseja fazer mal aos vivos.

posto, fechado com a bebida fermentada por mais de 30 dias. O cocho é feito do tronco do pinheiro, e seu interior que foi escavado, esculpido, lapidado fica depositado a bebida fermentada chamada de *Kiki Koj*. São muitos elementos importantes que o *Kujá* maneja e busca na mata com o auxílio de seus guias espirituais, para que o ritual aconteça de forma segura para o povo, aos integrantes do ritual e também para os espíritos dos mortos homenageados que são das duas marcas exogâmica *Kamē* e *Kanhru*.

A Benzadora (o), possui um vasto conhecimento sobre a mata e as marcas *Kamē* e *Kanhru*, na hora do preparo de alguns remédios que são solicitados pela população para a cura de certas doenças, não leva em conta a separação das marcas exogâmica que as plantas possuem, alguns utilizam cerca de três espécies distintas ou mais que são de marcas diferentes para a produção do remédio do mato os *Vēnhkagta*. Estão cientes de que a marca *Kamē* e *Kanhru* está presente ao nosso redor e principalmente na mata, e que a utilização de algumas plantas de marcas diferentes é essencial para o benefício da saúde e o alcance da cura de quem o busca. É evidente a complementaridade entre as marcas Kaingang, quando se utiliza os *Vēnhkagta*.

O manejo de plantas da mata Kaingang, é feita com cuidado e respeito por tudo que lhe foi passado na formação pessoal deste especialista, principalmente do cuidado que se deve ter em relação ao ritual do *Kiki Koj*, onde se demanda muito trabalho de colher e de auxiliar o *Kujá* organizador do ritual e de outros integrantes importantes. Pois alguns Benzadores também são detentores do conhecimento do rezador, ele é um dos elementos essenciais do *Kiki Koj*, para que haja um equilíbrio cosmológico espiritual durante a realização do ritual de culto aos mortos, é necessário rezador das marcas *Kamē* e *Kanhru*. Outros benzedores somente participam do ritual e auxiliam na busca de plantas em meio a mata para serem postas em seus lugares determinados pelo organizador, não são todos os benzedores que participam e auxiliam no *Kiki Koj*, outros possuem alguns objetivos diferentes e que estão na comunidade para poder ajudar o povo, mantendo a tradição e cultura, utilizando o conhecimento das plantas para o bem de todos, e realizando o manejo equilibrado com permissão do dono da mata.

O Remedieiro (a), também é conhecido como “erveiro”, por possuir um vasto conhecimento do poder que as plantas possuem e das suas propriedades. O manejo da mata Kaingang e de plantas que possuem marcas é mais recorrente, pois diariamente estão fazendo remédios do mato para quem o procura, e a busca de algumas plantas podem demorar a serem encontradas de acordo com as estações do ano. Alguns remédios do

mato²², são coletados durante o dia, outros coletados durante a noite, isso vale para os climas, em dias chuvosos, frio, calor e dias com muito vento, as fases da lua e as estações do ano. Lembrando, que sempre se pede a permissão aos espíritos ao dono da mata, para coletar os remédios do mato.

Seu saber sobre o mundo das plantas é vasto, o conhecimento que circula entre o professor *Kujá*, pais ou avós especialistas e até mesmo de cursos sobre as propriedades das plantas, geralmente é de curta duração que são ofertados pelo município. O Remedieiro (a) Kaingang, seja da marca exogâmica *Kamē* ou *Kanhru*, possui o saber tradicional de uso e de manejo da mata com a permissão do dono feito na língua Kaingang, pois a planta que se retira do seu ambiente sem a permissão, muitas vezes podem não carregar todas as propriedades de cura, isso é um aviso de que não está respeitando o conhecimento tradicional e realizando corretamente o manejo de cada planta retirada da mata Kaingang. Desta forma, este especialista deve ter o cuidado com as ervas medicinais ou o remédio do mato, os nossos *Vēnhkagta* sagrados que mantêm este elo do povo com a história de origem e com as marcas exogâmicas.

Outra especialista Kaingang que utiliza muito as ervas medicinais para o bem do povo através dos seus dons e conhecimentos sobre o assunto que envolve a mata e do poder que ela possui, é a parteira, uma mulher que também pode ser *Kujá*, Benzedeira ou Remedieira. O manejo da mata e das plantas feitas por ela é para poder preparar o corpo e espírito da gestante, pois as plantas tradicionais que são utilizadas desde o preparo do corpo da mulher para gerar o filho (a) é feito pela parteira, um arranjo de plantas de variadas espécies e de marcas opostas são utilizadas em banhos, chás, alimentação e até mesmo no chimarrão, que ajudam o corpo a se preparar fisicamente e espiritualmente para a concepção de um novo ser humano.

Quando a mulher está grávida, a parteira inicia seu trabalho com as plantas para ajudar a gestante durante os nove meses. Seus dons de utilizar e manejar estas plantas durante todo o período gestacional, amenizam algumas dores musculares e da tensão presente quando se aproxima o nascimento da criança. Para cada período da gestação novas plantas são coletadas na mata ou na horta da casa, produzindo chás e banhos relaxantes em cada período e em determinados momentos relacionados ao dia e a noite.

²² Esta palavra se refere ao uso das plantas da mata que envolve características peculiares de cada uma, quando me referi a ervas medicinais estarei descrevendo sobre as plantas Kaingang.

Quando se dá à luz ao bebê, o processo de cuidado com o corpo e a mente continuam, pois, o leite materno que a criança ingere também é uma parte essencial no processo de transformação do corpo da mulher, sendo a principal responsável em nutrir o corpo e a mente do seu filho.

São muitos processos de cuidados que envolvem as plantas Kaingang, a relação do conhecimento ancestral envolvendo as nossas marcas e a nossa espiritualidade. O cuidado com os nossos segredos envolvendo a mata, os animais, a cosmologia e a tradição do povo, sendo importantíssimo para nossa identidade, destes conhecimentos dos troncos velhos de geração em geração permanecem vivos na memória, sendo carregados através do corpo e do espírito.

4. AS PLANTAS *KAMĒ* E *KANHRU* E SUA RELAÇÃO COM A FLORESTA E TERRITÓRIO INDÍGENA

Desde a nossa história de origem Kaingang e do surgimento das exogâmicas *Kamē* e *Kanhru*, sabemos que a mata também é subdividida pelas marcas, a complementaridade é evidente quando conhecemos o processo de formação dos especialistas em cura.

Uma das plantas que representa muito bem a nossa história de origem e que possui a conexão com as marcas exogâmica, de certa forma faz uma relação com o símbolo da territorialidade²³, é as araucárias, os grandes pinheirais que estão inseridos na paisagem do território Kaingang de mata atlântica. A araucária pertence a metade exogâmica *Kamē*, seu formato comprido e alongado, com folhas e formato de frutos que diz muito da característica do povo que pertence a esta marca, esta árvore é o símbolo sagrado do povo que tem sua utilização na área da alimentação tradicional, das pinturas corporais, dos remédios de cura espiritual, da utilização em rituais como o *Kiki Koj*, um ritual de homenagem aos mortos Kaingang das metades *Kamē* e *Kanhru*, é um rito que envolve

²³ Um exemplo de que a araucária é importante para nosso povo, na formatura do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, o professor Clovis Antonio Brighenti, presenteou a todos os formandos Kaingang com uma muda da araucária, para que plantássemos em nosso território próximos de nossas casas, como símbolo de resistência e existência Kaingang, um dia lembrado na história da formatura de um povo que é considerado o terceiro mais populoso do Brasil. Este gesto simbólico do presente que recebemos ficou marcado pela árvore que nos representa muito bem como sendo um povo guerreiro, forte e culturalmente fortificado com a planta da marca *Kamē* que é símbolo da territorialidade Kaingang.

muito da espiritualidade ancestral do nosso povo, envolve os *Vēnhkuprîg*²⁴ do mundo *Nũme*²⁵ e os *Vēnhkagta*.

Figura 2: Araucárias (*angustifolia*) presentes na paisagem da Terra Indígena Xapecó/SC.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A presença de araucárias na região Sul do Brasil, é um dos principais indicadores da geração de alimentos e matéria prima para os grupos indígenas habitantes dessa região como, por exemplo, o pinhão. Além da presença de árvores de grande e pequeno porte e também animais fazem parte desta dieta alimentar dos grupos presentes neste ambiente.²⁶

No território tradicional Kaingang, poucas araucárias ainda são vistas na paisagem, pois no passado não tão distante, a TI Xapecó, na época Posto Indígena Xapecó, foi alvo de madeireiras que exploram um vasto espaço onde os pinheiros se concentravam. Além do que está descrito em pesquisas históricas sobre esta exploração feita durante o Serviço de Proteção aos índios (SPI), acarretando o esbulho da terra e da transformação da paisagem dos tempos de antigamente, dos tempos “piquininhos”, como diz minha mãe ao lembrar do passado em que sua referência da memória eram a floresta de pinheirais que cobria parte de todo território indígena e que era visível para todos, um tempo de fartura de alimentos que a araucária produzia. O pinhão, alimento muito consumido por nós em épocas de muito frio que faz parte do alimento tradicional, além de toda a árvore por completo, tendo uma utilização para fins ritualísticos e de remédio. Tudo o que a mata nos fornecia era o necessário para nossa sobrevivência, sem

²⁴ Esta palavra se refere às almas dos Kaingang, e pode haver almas boas chamadas de *Vēnhkuprîg Há*, e almas más que são chamadas de *Vēnhkuprîg Kórég*.

²⁵ Se refere ao mundo dos mortos onde a alma dos Kaingang fazem sua morada, é um lugar sagrado onde o *Kujá* pode ter acesso a este mundo, podendo conversar com outros *Kujás* que estão vivendo no *Nũme*.

²⁶ BIAZI 2017, p. 78.

a mata buscamos outros meios de nos manter firmes e fortes diante da modernidade e da globalização deste mundo.

Outra transformação no espaço foi resultado da retirada de milhares de árvores da área indígena para a comercialização. Essa atividade ocorreu em consonância com o mercado da madeira, sendo as áreas indígenas cobiçadas assim que nas demais florestas o contingente de madeira foi diminuindo. Dessa forma, o Xaçecó foi “alvo de madeireiros oportunistas e da atuação da proteção tutelar no SPI que promovia a comercialização com a instalação de serrarias”. Essa nova entrada de renda no PI deu brechas para o enriquecimento ilícito de funcionários do órgão federal. Uma das justificativas para a extração da madeira das áreas indígenas era garantir a emancipação econômica do PI, bem como realizar a construção de casas para os Kaingang. Todavia, após a retirada da madeira a condição econômica do PI não melhorou, tampouco, as casas dos Kaingang.²⁷

As madeireiras além de devastar parte de toda a mata de araucária, para amenizar a perda florestal e cosmológica do povo, construíram casas de madeira para alguns indígenas, também como forma de pagamento pelos seus serviços prestados a madeireira, grande parte do que foi derrubado no sul do Brasil foi em nome da maior madeireira da época a *Southern Brazil Lumber Company*²⁸, uma triste realidade que ficou marcado na memória dos nossos troncos velhos dos nossos *Kófas* deste contato com os *Fóg*.

Figura 3: Imagem do Posto Indígena Xaçecó que hoje é a Terra Indígena Xaçecó, a paisagem da presença de muitas araucárias aos olhos dos nossos antepassados, outra imagem das casas de madeira de araucária que foram construídas em 1947.



Fonte: Acervo de FÖRTHMANN, Heinz. Setembro de 1947. Documentos audiovisuais e iconográficos, BR MI SPI DASE IR7 11302-11608, fotografia SPI 11428, fotografia SPI 11424, Acervo Museu do Índio/FUNAI, Rio de Janeiro.

²⁷ BUBA, Nathan Marcos. **UMA TERRA INDÍGENA ENCANTADA: RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS EM NOME DE SÃO JOÃO MARIA ENTRE OS KAINGANG DO XAPECÓ/SC.** Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020, p. 60.

²⁸ *Ibidem*, p. 99.

Sem a araucária não se pode realizar o ritual Kaingang *Kiki Koj*, pois além de ser um símbolo da nossa origem é uma planta sagrada que tem esta importância dos elementos que compõem o ritual de homenagem aos mortos *Kamē* e *Kanhru*. Pois, o pinheiro representa muito para a história do nosso povo, das cosmovisões e da cosmologia Kaingang que estão atribuídas à aprendizagem e conhecimento passado de geração em geração.

In this context, it seems clear that there is a need to understand interactions between cultures and their environment, the influence of human populations on the construction of different landscapes around the world, and how these relationships alter or maintain the biodiversity and resources of interest to them (Davidson-Hunt and Berkes 2003, Toupal 2003, Berkes and Davidson-Hunt 2006, Torri and Hermann 2010). This approach is based on the idea that the landscape must acquire a dimension of cultural phenomenon for researchers and conservation managers, where the biophysical space, in this case, Araucaria forests, is a product of the history of human societies and reflects he uses, values, learning and the particular cosmovisions of the societies that have used it (Caparelli et al. 2011, Prober et al. 2011).²⁹

Autores como Reis, Ladio, Peroni³⁰, em um dos artigos citados acima, descrevem no estudo sobre duas espécies de araucárias que são encontradas no Brasil e Argentina, como por exemplo: a araucaria angustifolia, araucária araucana encontrada na Argentina e no Chile, ambas produzem o fruto chamado de pinhão que é muito consumido desde os tempos de antigamente pelos povos indígenas Kaingang³¹ e pelos Mapuche- Pehuenche³². Este autor, contribui na discussão em relação a importância cultural que a araucária possui para nós Kaingang, sobre a relação, a alimentação tradicional, como a caça e a coleta, a caça de animais que ficam nestes ambientes onde estão os pinheirais, a coleta do pinhão para ser consumidos durante o inverno é rica em nutrientes que alimentam o corpo.

Therefore, for prehistoric societies with a hunter-gatherer profile such as the Mapuche-Pehuenche (Haagensen 1993), or hunter-gatherers with incipient agriculture like the Kaingang (Noelli 2000, Schmitz 2009), these large seeds produced in areas of high productivity would be exceedingly attractive for collection, and the corresponding environment would likely be favorable for hunting, given that animals would also be attracted by the seeds.³³

O fruto do pinheiro que é coletado por nós Kaingang quando caem ao chão, derrubado pelas taquaras impulsionadas pelos homens que escalam o tronco do pinheiro utilizando algumas cordas e esporas em seus pés, mulheres e crianças coletam o pinhão e

²⁹ REIS, M. S.; LADIO, A.; PERONI, N. **Landscapes with Araucaria in South America: evidence for a cultural dimension.** Ecology and Society, v. 19, n. 2, p. art 43, 2014, p. 3.

³⁰ Ibidem.

³¹ Este povo está ligado a araucária angustifolia.

³² Este povo está ligado à araucária araucana.

³³ REIS, LADIO, PERONI, 2014, p. 4.

as pinhas que são derrubados. O pinhão muitas vezes é consumido no local da coleta, assado em meio a cinza do fogo de chão feito dentro da floresta Kaingang³⁴, outra parte é levada para casa e distribuída entre as famílias, alguns vendem o pinhão entre a vizinhança como forma de lucro e renda complementar da família. Nos tempos de antigamente, quando não se tinha geladeiras ou freezer como a maioria possui hoje, o pinhão era armazenado dentro do rio, a água fria dos invernos rigorosos mantinha o pinhão conservado para poder ser consumido por mais tempo, minha mãe conta que seus irmãos guardam em um saco plástico dentro de um cesto de taquara os pinhões que ficavam imersos dentro da água do rio que ficava próxima a sua casa. Também há relatos de que se armazenavam em buracos na terra, feitos dentro de suas casas que eram de chão batido, desta forma, tinham o alimento mais próximo e facilitam o consumo dentro das casas, evitando sair em dias muito frios e chuvosos. O alimento que faz parte da nossa história e da nossa alimentação forte, é o pinheiro, além do pinhão os brotos mais novos são consumidos em receitas tradicionais do povo, além de ser essencial para os nossos rituais, como cita CASSINO; SHOCK; FURQUIM; ORTEGA; MACHADO; MADELLA; CLEMENT.

Food consumption permeates practically all daily and ritual activities of human life and thus strongly influences how people interact with their environments and transform them. Over the long-term, these varied dynamics contributed to the formation of Brazilian landscapes and their agrobiodiversity.³⁵

Na Terra Indígena Xaçecó, onde residem Kaingang, Xetá e Guarani, a paisagem da floresta Kaingang ainda possui araucárias que se destacam entre outras espécies de árvores e plantas que são *Kamē* e *Kanhru*. Outras plantas que possuem as marcas Kaingang foram descritas por mulheres *Kujás* e *Kófas* da aldeia Pinhalzinho da Terra Indígena Xaçecó em entrevista cedida à Kaingang Ivania Mendes, que organizou uma tabela com nomes de plantas existentes na floresta Kaingang de acordo com a classificação simbólica descrita por Moacir Haverroth³⁶, esta classificação é um arranjo

³⁴ Ibidem.

³⁵ CASSINO, Mariana Franco; Myrtle P. Shock; Laura Pereira Furquim; Daniela Dias Ortega; Juliana Salles Machado; Marco Madella & Charles R. Clement. Archaeobotany of Brazilian Indigenous Peoples and their Food Plants. In Jacob, Michelle, Albuquerque, Ulysses Paulino (Eds.). Local Food Plants of Brazil. Springer, 2021, p. 03.

³⁶ HAVERROTH, Moacir. **Kaingang um estudo etnobotânico: O uso e a classificação das plantas na área indígena Xaçecó (oeste de SC)**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Florianópolis: PPGAS/UFSC. 1997, p. 117.

de significados e símbolos cosmológicos do povo Kaingang que possui este fio condutor de relação com a história de origem, o surgimento das marcas exogâmica *Kamē* e *Kanhru*.

Tabela 1: Um exemplo de algumas plantas encontradas na floresta Kaingang que pertencem a marca exogâmica *Kamē* e *Kanhru*.

Plantas (nome em português ou Kaingang)	Classificação simbólica	Sintomas e doenças	Outros usos	Quem citou
Açoite cavalo, açoita.	<i>Kamē</i>	Rinite	Madeira, lenha	Kofá, mulheres
Aipim, mandioca	<i>Kamé</i>	Sonífero, hemorroida, fortificante,	Alimento	Jovens, mulheres, kofá
Amora branca	<i>Kanhru</i>	Hipertensão	Lenha, alimento	Kofá, jovens mulheres
Angico vermelho	<i>Kamé</i>	Gripe, Bronquites	Madeiras	Kujá, kofá
Araticum, araticum	<i>Kanhru</i>	Reumatismo, feridas, úlcera, cólicas	Madeira, lenha, alimento	Jovens, mulheres, kujá, kofá
Bardana, bardana	<i>Kanhru</i>	Pneumonia, queda de cabelo, infecção no útero	Sem outras utilidades	Jovens, mulheres, kofá
Batata doce	<i>Kanhru</i>	Inflamação gengivas, garganta, frieiras	Alimento	Kofá, mulheres, kujá
Buva	<i>Kamé</i>	Câncer, Hemorroida, doenças venéreas, fígado.	sem outras utilidades	Kofá, kujá
Cambará	<i>Kamé</i>	gripe, bronquite	Madeira, lenha	Kujá, kofá
Cana de macaco, cana de mico	<i>Kamé</i>	Coração, diurético, bexiga, DST, cálculos nos rins	Medicamento, alimento	Kujá
Caraguatá	<i>Kamé</i>	Coqueluche, vermífugo, asma, garanta,	Alimento medicamento	Mulheres, kofá
Caroba	<i>Kamé</i>	Varizes, DST, ossos, alergia	Lenha, madeira	Kofá, kujá
Carqueja doce, carqueja	<i>Kamé</i>	Azia, DST, sinusite, hipertensão	sem outras utilidades	Kofá, mulheres
Cedro	<i>Kamé</i>	Inflamação dos testículos	Madeira	Kofá, kujá
Cerejeira, cereja	<i>Kanhru</i>	Ácido úrico, reumatismo	Madeira, lenha.	Kofá, mulheres
Chapéu de couro	<i>Kanhru</i>	laxante, ácido úrico, artritis, rins, diurético	sem outras utilidades	Mulheres, kofá, kujá
Cipó mil homens	<i>Kamé</i>	Tônico, depressão, stress, nevralgias, malária, dor no ciático	sem outras utilidades	Mulheres, kujá, kofá
Cuião de viado	<i>Kamé</i>	Câncer, tumores, ferido crônicas	sem outras utilidades	Kujá, kofá

Guabiju	<i>Kanhru</i>	Intestino frouxo	Alimento, madeira	Kofá, kujá
Guabiroba, guavirova	<i>Kanhru</i>	Bexiga, útero, hemorroida	Madeira, lenha	Kujá, kofá, jovens, mulheres
Guajuvira, guajuvira	<i>Kamé</i>	Feridas crônicas	Madeira, lenha	Kofá
Guaçatonga, chá de bugre	<i>Kamé</i>	Obesidade, úlcera, problema de próstata, coração, osteoporose, colesterol	Madeira, lenha	Kujá, kofá, mulheres
Ingá	<i>Kamé</i>	Anticéptico, corrimentos, gonorreia	Alimento madeira, lenha	Jovens, mulheres, kujá

Fonte: Acervo pessoal de Ivania Mendes³⁷, 2015, p. 11 e 12.

Nesta tabela, está inserida alguns nomes de plantas que existem na mata Kaingang, e que são utilizados por nós e principalmente pelos especialistas em curas, certamente há plantas que não serão descritas, pois sem a permissão dos especialistas, não tem como divulgar e registrar, pois, algumas são utilizadas e encontradas somente por eles. O conhecimento tradicional que cada um possui é diferente, devido à marca exogâmica *Kamē* e *Kanhru* que a mata possui. Algumas delas são cultivadas em hortas ou ao redor de nossas casas, outras só crescem e sobrevivem dentro da mata ou próxima da vegetação, estas plantas *Kamē* e *Kanhru* “operam como uma lógica continuum entre a floresta e a roça”³⁸.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalto que este estudo não se esgota nestas entrelinhas, é parte da minha pesquisa de campo de tese de doutorado que está em andamento. Ainda há muito a se pesquisar sobre o assunto que envolve plantas exogâmica *Kamē* e *Kanhru*, haja vista que, a mata Kaingang é muito extensa dentro dos nossos territórios tradicionais e que algumas plantas que eram muito utilizadas por nós desapareceram da mata, o desmatamento em massa que ocorreu no passado contribuiu para esta realidade em que vivenciamos na atualidade.

O estudo sobre o universo das plantas das ervas medicinais que há na mata Kaingang, é vasto, e a forma de utilização por cada um dos especialistas se direcionam

³⁷ Para saber mais sobre a tabela com mais nomes de plantas com as marcas exogâmica *Kamē* e *Kanhru* ver em: MENDES, Ivania. **O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE KAINGANG DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2015.

³⁸ SANTOS, Gilton Mendes dos. "Transformar as plantas, cultivar o corpo", págs. 140-153. IN: **Vozes Vegetais**. Diversidade, resistências e Histórias da Floresta. CESTA/LAPOD/BBM/IEB/USP: PALOC/IRD Editions/MNHD: UBU Editora, 2021, p. 148.

de forma diferente, considerando a formação pessoal que cada um teve durante a vida e o que é praticado para cada finalidade. Saliento, o universo da mata Kaingang e a forma como se usa as plantas para determinadas finalidades é diferente para cada indivíduo, principalmente quando envolve as marcas exogâmicas *Kamē* e *Kanhru* e de quem está manejando o ambiente em busca de determinada planta para fins espiritual, de formação pessoal e de cura, seja do corpo ou do espírito.

A utilização das plantas Kaingang, é de extrema importância cosmológica da cultura do povo, a relação da mata com elementos da nossa história de origem é fundamental para o fortalecimento e afirmação da nossa identidade indígena Kaingang, é a forma de ser quem somos um povo que continua realizando os rituais e mantendo nossos costumes vivos na memória, na oralidade e na prática. Pois, o conhecimento tradicional do povo e da formação dos especialistas Kaingang como: *Kujás*, Benzedeiros (o), Remedieiros (o) e Parteiras e *Kófas* utilizam da mata Kaingang e de toda relação que ela possui com as marcas exogâmicas *Kamē* e *Kanhru*. Este saber que é transmitido e compartilhado por meio desta relação que existe com os humanos e não-humanos seja através do silêncio, observação, prática, vendo e ouvindo e pela oralidade que é importante para o povo, a forma de transmitir estes conhecimentos dos troncos velhos pela fala, pelos gestos, pelo caminhar, pelo movimento do corpo que contam uma história, isso é cultura, isso é povo indígena Kaingang.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De; ERCIGO, Terezinha Guerreiro. **A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xaçecó/SC**. Florianópolis, 20/11/2014. 57 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica).UFSC.

BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De. **Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xaçecó/SC**. Florianópolis, 18/03/2017. 265 páginas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.: PPGAS/UFSC.

BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena**: Type Lytog. Curitiba: A Vapor Impressora Paranaense. 1908.

BUBA, Nathan Marcos. **UMA TERRA INDÍGENA ENCANTADA: RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS EM NOME DE SÃO JOÃO MARIA ENTRE OS KAINGANG DO XAPECÓ/SC**. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

Descola, Philippe. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In: Descola, P. and Pálson, G. (Org.) *Nature and Society. Anthropological perspectives*. London: Routledge, 1996, pp.82-102.

DURAT, Cristiano Augusto. **Terra de Aldeamento em disputa: Francisco Gacom e "uma" história sobre os Kaingang do Paraná (Século XIX)**. 2019. 435 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CASSINO, Mariana Franco; Myrtle P. Shock; Laura Pereira Furquim; Daniela Dias Ortega; Juliana Salles Machado; Marco Madella & Charles R. Clement. Archaeobotany of Brazilian Indigenous Peoples and their Food Plants. In Jacob, Michelle, Albuquerque, Ulysses Paulino (Eds.). *Local Food Plants of Brazil*. Springer, 2021.

HAVERROTH, Moacir. **Kaingang um estudo etnobotânico: O uso e a classificação das plantas na área indígena Xapecó (oeste de SC)**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Florianópolis: PPGAS/UFSC. 1997.

MENDES, Ivania. **O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE KAINGANG DA TERRA INDÍGENAXAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2015.

NIMUENDAJÚ, Curt. **ETNOGRAFIA E INDIGENISMO: Sobre os kaingang, os ofaié-xavante e os índios do Pará**. Organização e apresentação Marco Antonio Gonçalves. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

Pereira Cruz, A., Giehl, E. L. H. Levis, C., Machado, J. S., Bueno, L., & Peroni, N. (2020). Pre-colonial Amerindian legacies in forest composition of southern Brazil. *PLOS ONE*, 15(7), e0235819. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0235819>.

Reis, M. S.; Ladio, A.; Peroni, N. **Landscapes with Araucaria in South America: evidence for a cultural dimension**. *Ecology and Society*, v. 19, n. 2, p. art 43, 2014.

ROSA, R.R.R. CRÉPEAU, R.R. **Puissance et Connaissance Animales Chez Les Kaingang du Brésil Méridional**. *Revue Anthropologique*, v. 62, p.60-69, 2020.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. **Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte)**. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

SANTOS, Gilton Mendes dos. "Transformar as plantas, cultivar o corpo", págs. 140-153. IN: **Vozes Vegetais**. Diversidade, resistências e Histórias da Floresta. CESTA/LAPOD/BBM/IEB/USP: PALOC/ IRD Editions/MNHD: UBU Editora, 2021.

SILVA, Jeniffer Caroline da. **Bola, brinquedos e jogos: Práticas de lazer e futebol na tradição dos Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC**. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC. 2014.

SCHADEN, E. **A origem dos homens, o dilúvio e outros mitos Kaingang**. *Revista de Antropologia*, v. 1, n. 2, p. 139-141, 1953.